

Em torno de Pasqualini

Na próxima terça-feira, às 10h30, na Gráfica do Senado, três personagens de relevo na cena política brasileira — o presidente Itamar Franco, o ex-governador Leonel Brizola e Lula — têm encontro marcado, em torno de um autor cuja obra, pouco conhecida do público, está presente no discurso de nove entre dez políticos brasileiros não conservadores.

Trata-se de Alberto Pasqualini, político gaúcho, falecido em 1960, que exercia a (entre nós) rara função de pensar o país, concebendo, ao longo de 30 anos de vida pública, um dos mais consistentes e sistematizados discursos político-sociológicos já formulados por estas bandas. Suas obras completas, em quatro alentados volumes, estão sendo lançadas pelo Senado.

O senador Pedro Simon, que assina um estudo introdutório às obras completas, está empenhado em reunir os três personagens. Itamar já confirmou sua presença. Brizola, que está nos Estados Unidos, diz que fará tudo para vir. Lula idem. O PT — e essa é uma das causas da fúria brizolista contra os intelectuais que cercam Lula — sempre teve um comportamento esnobe em relação a Pasqualini. Tudo o que se refere ao trabalhismo varguista é visto pelo partido como inautêntico e fisiológico. Muita coisa, de fato, o era. Mas Pasqualini, autor do programa do falecido PTB, nada tem com isso: representa exatamente o lado nobre do trabalhismo brasileiro.

Anteviu dramas contemporâneos, como o inchaço das periferias das grandes cidades e o problema dos

menores abandonados. Defendeu uma política de distribuição de renda, criticando, com antecedência de mais de uma década, a política concentracionista que viria a vigorar na época do milagre econômico: primeiro fazer o bolo crescer para só depois dividi-lo. O bolo, como se viu, cresceu nas mãos de poucos e até hoje aguarda-se a sua divisão.

O senador Pedro Simon não sabe se Fernando Henrique Cardoso é cultor de Pasqualini. Mas chegou, em seus estudos, a conclusões idênticas, quase literais. Simon colheu pensamentos absolutamente afins de ambos. Itamar não usa meias-palavras. Diz: “Pasqualini é para mim um mestre”.

Difícil sintetizar seu pensamento em poucas linhas. Não era um socialista. Definia-se como um “capitalista sadio”, nacionalista (participou da campanha que resultou na criação da Petrobrás), e defendia a presença de um Estado atuante, arbitrando conflitos trabalhistas e econômicos em favor dos mais fracos. Um discurso que, hoje, se definiria por social-democrata — e que, por acaso, venceu as eleições e (teoricamente) está no poder.

A cerimônia, que terá discursos e homenagens, acontecerá não no Salão Negro do Congresso, local habitual desse tipo de acontecimento, mas nas instalações da Gráfica do Senado. A idéia é aproximar Pasqualini, o teórico do trabalhismo brasileiro, de seu público-alvo: os trabalhadores.